

## TRAMA GOLPISTA

# Esquerda trabalha reorganização nacional

Ciente da superioridade da extrema-direita na capacidade de mobilização, pensadores e artistas do campo progressista discutem articulação após a condenação de Bolsonaro

» EDLA LULA

O julgamento do núcleo crucial da trama golpista, que condenou, na semana que passou, o ex-presidente Jair Bolsonaro e mais sete réus, é visto por especialistas como um “divisor de águas”, como definiu o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso. Para além das celebrações nos bares do país e nas redes sociais, no entanto, representantes do chamado “campo progressista” entendem que esse feito histórico está longe de sepultar o pensamento golpista ou ímpeto da extrema-direita de ascender ao poder. Por isso, mobilizam-se na tentativa de marcar posição no momento de reorganização nacional.

Nesta semana, por exemplo, na sexta-feira e no sábado, intelectuais de esquerda e artistas vão debater o tema. O encontro, em São Paulo, já conta com cerca de 4 mil pessoas inscritas, para discutir “os rumos do país sob uma perspectiva progressista”. Estão confirmadas palestras do cientista Miguel Nicolelis, dos filósofos Felipe Nunes, Frei Betto, Leonardo Boff; dos sociólogos Jessé Souza e Márcia Tiburi; dos jornalistas Daniela Lima e Serginho Groisman; do historiador Jones Manoel; da ativista política Aleida Guevara, filha de Chê Guevara. Entre os artistas confirmados estão Gog, Nasi, Edgard Scandurra, Falcão e Leoni. Integrantes do governo Luiz Inácio Lula da Silva, como as ministras Marina Silva e Margareth Menezes, também já confirmaram presença.

“Esse julgamento foi, sem dúvida, um marco na história do Brasil. Muito importante, especialmente para pessoas que, como eu, estavam, há mais de 40 anos, com esse trauma atravessado na garganta”, comenta o escritor, filósofo e teólogo Frei Betto, autor de vários livros que versam sobre o tema.

Preso e torturado pelo regime durante os anos de 1969 a 1973, Betto lembra que o Brasil é o único país da América Latina que, após a abertura, não julgou os torturadores do período militar. O mais simbólico, diz ele, é “o fato de militares que tramaram um golpe

Nathália Queiroz/CB/D.A. Press



Embora tenha lotado bares e redes sociais na condenação, a esquerda perdeu a vocação para mobilizar

de Estado estarem sendo julgados por um tribunal civil”. Se estivessem em um tribunal militar, como de costume, seria um julgamento corporativo, que provavelmente os livraria da condenação.

O dominicano alerta, no entanto, que os movimentos progressistas não estão preparados para mobilizar a sociedade para o que pode estar por vir. Na política, os apoiadores de Bolsonaro contam com a forte presença no Parlamento, especialmente, na Câmara do Deputado. Na sociedade, como um todo, ele vê uma capacidade de mobilização muito mais forte do que possui a esquerda.

A aparente pacificação que se vê, dias após a condenação, segundo Betto, é momentânea, enquanto se aguarda a publicação do acórdão e o resultado de todos os recursos no Supremo Tribunal Federal. “Os bolsonaristas talvez se sintam acudados, no momento, porque sabem que uma reação, como a de Eduardo Bolsonaro, agredindo as instituições, possa vir a agravar a situação. Talvez, os próprios réus condenados venham a pedir a essa gente que fique um pouco mais contida, para não prejudicar os recursos que virão para abater as penas.”

## Alerta

Com processo transitado em julgado, Betto avalia que tanto na política quanto na sociedade, a extrema-direita passará a agir com mais veemência. “Tem duas atitudes nas quais, talvez, eles estejam apostando. Primeiro, numa reação mais drástica do governo dos Estados Unidos, que pode aumentar as sanções ao Brasil. Eles querem garantir maioria no processo eleitoral do ano que vem, sobretudo no Senado, porque o Senado tem o poder de cassar ministros do Supremo Tribunal Federal”.

É para isso que, no entender do filósofo, é preciso estar atento, porque as forças progressistas vivem, há muito, uma situação de apatia, incapaz de conter o avanço do conservadorismo. “Dentro do mundo digital eles vão ser, cada vez mais, agueridos, ofendendo os ministros do Supremo e todos aqueles que pensam diferente deles. E, o outro lado, está muito longe de ultrapassar a fronteira digital”, observa Betto.

As manifestações do 7 de Setembro, destaca, são uma demonstração de que, também nas ruas, os progressistas perderam o poder de mobilização. A presença de bolsonaristas

foi infinitamente maior. “A esquerda calçou o salto alto e nós estamos pagando um sério preço por isso”, diz o autor do livro *A mosca azul*.

Eduardo Moreira, fundador do Instituto Conhecimento Libertária (ICL), que organiza o evento dos dias 19 e 20, chamado *Despertar*, diz que a ideia do evento é, exatamente, resgatar o ânimo e a capacidade das lideranças de agir e atuar em comunidade. “A ideia do *Despertar* é restabelecer esse vínculo entre as pessoas. Esse vínculo vem do conhecimento. Um conhecimento que não vem apenas da palestra, mas também dos afetos, do contato entre as pessoas.”

Ao analisar o momento, Moreira ressalta a necessidade de se aproveitar o momento, em que o bolsonarismo está “acudado”, para reorganizar o ambiente democrático. “O golpismo não morre nunca. Ele está enfraquecido e, temporariamente, desorganizado”.

Para proporcionar o contato, as palestras serão permeadas por shows e outras técnicas, em que convidados e plateia poderão trocar ideias e mobilizações. “Tudo que tá acontecendo ali, tem que ter de alguma maneira o envolvimento do público, porque senão você perde esse senso de comunidade assim.”

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



## Trump, Bolsonaro e Tarcísio: o tripé da oposição a Lula em 2026

Apesar de condenado a 27 anos de prisão por tentativa de golpe de Estado, Jair Bolsonaro (PL) continua sendo o eixo da base eleitoral da oposição ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Ao seu lado, mais duas lideranças convergem para formar um tripé difícil de ser batido: o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), potencial candidato em 2026, e o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, cuja política externa pressiona o governo brasileiro com tarifas de até 50% sobre exportações e sanções contra ministros do Supremo Tribunal Federal.

O cenário é sem precedentes. Pela primeira vez, um ex-presidente e generais de alta patente foram condenados por tentativa de golpe, enquanto a Casa Branca intervém diretamente na vida política brasileira. Tarcísio já se coloca como “herdeiro” do espólio eleitoral de Bolsonaro, ainda que os filhos legítimos pleiteiem a candidatura de um deles. Apesar das pressões, Lula, o Senado e mesmo a Câmara (ainda) resistem à abertura para aprovação de uma anistia ampla, geral e irrestrita pelo Congresso, que devolva a liberdade e a elegibilidade ao ex-presidente, cada qual com suas razões. Isso significaria perigosa inflexão autoritária, antes mesmo das eleições.

O fato é que a condenação de Bolsonaro não encerra de imediato o seu protagonismo na vida política. É uma linha divisória, cuja consolidação dependerá do resultado das eleições de 2026, ou seja, da derrota das forças ligadas ao trumpismo e ao bolsonarismo. Ocorre que governo Lula tem dificuldades para ampliar sua base social e parlamentar em direção ao centro político, que pode acabar capturado pelas forças conservadoras e de extrema-direita. O risco de um retrocesso político é real, como se vê nos EUA, onde Trump retornou ao poder. Maior ainda porque a estratégia de Lula nas eleições parece reproduzir a frente de esquerda que o levou ao segundo turno nas eleições de 2018. Mesmo reeleito, o risco de retrocesso permanecerá, porque a oposição pode vir a ter maioria na Câmara e no Senado, mesmo derrotada na disputa pela Presidência, um cenário de precária governabilidade.

Em artigo no *New York Times*, Filipe Campante e Steven Levitsky, autor de *Como as Democracias Morrem*, alertaram que os EUA já vivem um “autoritarismo competitivo”. Trump instrumentaliza agências governamentais, intimida críticos, desafia a Constituição e fragiliza a sociedade civil. A experiência mostra que forças antiliberais não jogam limpo: recorrem à demagogia, à desinformação e até à violência. Como nos anos 1920-30, quando fascismo e nazismo usaram o rádio para conquistar massas, hoje as novas tecnologias digitais de comunicação foram apropriadas pela extrema-direita com mais competência técnica e retórica de fácil assimilação nas redes sociais. Eis a nova ameaça à democracia.

## Algoritmos e avatares

A propósito, o cientista político italo-francês Giuliano da Empoli, em seu mais recente livro, *Os Predadores* (2024), oferece uma chave para compreender esse fenômeno, ao descrever o comportamento de líderes que se alimentam do caos, como Donald Trump, Vladimir Putin e Viktor Orbán: eles fragilizam a democracia por dentro e sobrevivem da crise permanente. Essa obra compõe uma trilogia, ao lado do romance *O Mago do Kremlin* (2022), que descreve o poder como teatro, encenado por figuras como Vladislav Surkov, conselheiro de Putin, que manipulam narrativas e corrompem a confiança coletiva, e do ensaio político *Os Engenheiros do Caos* (2019), no qual desnuda como atores políticos até então invisíveis, como Steve Bannon, transformaram algoritmos, fake news e ressentimentos em método político.

No Brasil, Bolsonaro espelhou esse fenômeno, ao encenar narrativas conspiratórias, quando ele próprio conspirava, e recorrer à engenharia digital para multiplicar fake news. Seu julgamento revelou que agiu como um “predador” institucional na Presidência, para corromper a democracia, como demonstrou o 8 de janeiro de 2023. Entretanto, a condenação de Bolsonaro não significa encerrar, aqui no Brasil, a marcha do “autoritarismo competitivo”. Em que pese a segurança das urnas eletrônicas, a inteligência artificial aplicada às campanhas eleitorais e a surpreendente emergência das big techs na política externa norte-americana são vetores estratégicos da disputa política em curso.

A experiência eleitoral da Índia, em 2024, mostrou um salto qualitativo no emprego de inteligência artificial na campanha eleitoral. Candidatos criaram avatares digitais em dezenas de idiomas, geraram discursos personalizados e vídeos realistas, ocupando espaços inalcançáveis pela presença física. Na clonagem política, o líder se multiplica ao infinito e subverte as fronteiras entre realidade e simulação. No Brasil, nas eleições passadas, já houve deepfakes em disputas locais, manipulação de áudios e vídeos, difusão massiva de conteúdos falsos por IA.

Se o bolsonarismo já explorou ao limite WhatsApp e Telegram para chegar ao poder em 2018, a próxima eleição pode assistir à multiplicação de clones virtuais de candidatos capazes de dialogar com cada eleitor em tom personalizado, em todo o território nacional, para abordar problemas locais. Nem gravar os candidatos precisaria. A legislação vigente e a Justiça Eleitoral não estão preparadas para lidar com isso, ainda mais se a oposição receber ajuda da Casa Branca e dos algoritmos secretos das big techs, devido ao nível de interferência de Trump na política brasileira. A campanha eleitoral pode se tornar uma selva digital, na qual engenheiros, magos e predadores encontrarão na inteligência artificial um instrumento sem precedentes para dominar corações e mentes. Condenado, porém, Bolsonaro não pode ser um avatar na campanha e pedir voto para seus candidatos. A lei da inelegibilidade impede seu protagonismo, mesmo nas formas de holograma ou desenho animado.

## Bolsonaro passa por procedimento médico hoje

» WAL LIMA

O ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (PL) — condenado a 27 anos e 3 meses no julgamento da trama golpista pela Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) — passará por um procedimento médico às 10h de hoje, no Hospital DF Star, em Brasília. De

acordo com informações obtidas pelo *Correio*, o procedimento será para remoção de lesões na pele, sendo uma benigna e outra que ainda será enviada para biópsia.

A autorização para o deslocamento foi solicitada na última quarta-feira, pelo advogado Celso Vilardi e concedida pelo ministro do STF Alexandre de Moraes,

desde que Bolsonaro esteja acompanhado pela polícia penal durante o trajeto e a permanência no hospital, além de ter que apresentar atestado médico posteriormente para comprovar o atendimento para a Corte. Moraes ainda destacou que a autorização não suspende as medidas cautelares já impostas ao ex-presidente, como o uso

da tornozeleira eletrônica e a proibição de acesso às redes sociais.

Em relatório médico enviado ao STF pela defesa do ex-presidente, foi destacado que o procedimento será realizado em regime ambulatorial, sem necessidade de internação. A informação foi confirmada ao *Correio* pelo líder do PL na Câmara, Sóstenes Cavalcante (RI).

## POLÍTICA PÚBLICA

## Saúde não tem lado político, diz Lula em visita ao HUB

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva visitou, ontem, o Hospital Universitário de Brasília (HUB), onde acompanhou um mutirão de atendimento à população promovido pelos Ministérios da Educação e da Saúde. Ao comentar os efeitos da pandemia de covid-19 no país, ele condenou a politização da saúde.

“Em se tratando de saúde, não tem esquerda ou direita, tem que estar comprometido com a saúde do povo. Sabemos o que aconteceu na época da covid com o povo brasileiro”, disse Lula, ressaltando a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) e a necessidade de ampliar a oferta de especialistas à população.

Segundo informações obtidas pelo *Correio*, a visita do presidente ao hospital universitário não estava prevista na agenda do sábado e foi confirmada apenas às 7h pelo Ministério da Saúde. Lula chegou ao HUB por volta das 10h e, durante a ação,

Ricardo Stuckert / PR



Lula vestiu o uniforme para falar do Mutirão para Redução das Filas do SUS

visitou o centro cirúrgico da unidade e conversou diretamente com pacientes, acompanhando de perto o andamento dos procedimentos.

O mutirão, intitulado “EBSERH em Ação — Agora Tem Especialistas”, integra o programa Dia E e

ocorre em parceria com a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), simultaneamente em 45 hospitais universitários federais, com participação de graduandos, residentes e profissionais de saúde. No total, foram realizados 29 mil

procedimentos, incluindo 22.700 exames, 4.500 consultas e 1.900 cirurgias eletivas, em áreas como oncologia, cardiologia, ortopedia, oftalmologia e saúde da mulher. Apenas em Brasília, o atendimento contemplou 852 procedimentos com 170 profissionais envolvidos.

“O Agora Tem Especialistas responde a um gargalo histórico do SUS: reduzir o tempo de espera por consultas, exames e cirurgias. Com os mutirões nos 45 hospitais da EBSERH, que unem Saúde e Educação, o governo federal amplia atendimento a quem precisa”, afirmou o ministro da Saúde, Alexandre Padilha.

“Essa é uma união de esforços do Governo do Brasil, com os estados e municípios, para atender e acolher melhor, com humanização, toda a população que depende do SUS”, destacou Camilo Santana, ministro da Educação. O mutirão também marca o mês em que o SUS completa 35 anos. (WL)